



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

REDJANE DE SOUZA CONSERVA

**O DISCURSO DA MULHER-ALUNA E TRABALHADORA DO CAMPO: RELATO
DE EXPERIÊNCIA NO BRASIL ALFABETIZADO**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

REDJANE DE SOUZA CONSERVA

**O DISCURSO DA MULHER-ALUNA E TRABALHADORA DO CAMPO: RELATO
DE EXPERIÊNCIA NO BRASIL ALFABETIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, na área de análise do discurso, sob a orientação do Professor: Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega.

CAMPINA GRANDE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CENTRO DE
INTEGRAÇÃO ACADÊMICA – CIA/UEPB

C755d

Conserva, Redjane de Souza.

O discurso da mulher-aluna e trabalhadora do campo[manuscrito]: relato de experiência no Brasil alfabetizado / Redjane de Souza Conserva. –2012. 52f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Profa. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega, Departamento de Letras”.

1. Análise do discurso 2. Educação de Jovens e Adultos - EJA 3. Programa Brasil Alfabetizado – PBA4. AlfabetizaçãoI. Título.

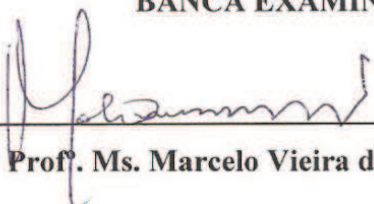
21. ed. CDD 401.41

REDJANE DE SOUZA CONSERVA

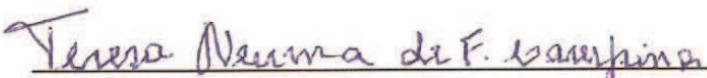
O DISCURSO DA MULHER-ALUNA E TRABALHADORA DO CAMPO: RELATO
DE EXPERIÊNCIA NO BRASIL ALFABETIZADO

Aprovada em 10 de dezembro de 2012

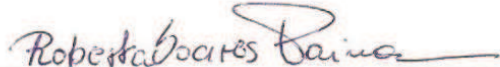
BANCA EXAMINADORA

 Nota 10,0
Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega – UEPB

(Orientador)

 Nota 8,0
Prof. Ms. Tereza Neuma de Farias Campina – UEPB

(Examinadora)

 Nota 8,0
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva – UEPB

(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por governar a minha vida, e mesmo sem eu entender os caminhos traçados por Ele. Nesses caminhos tinham pedras pesadas que eu tinha que tirar quando possível, ou conviver com elas. Sabia que na vida nada é por acaso, e que tudo tem um propósito na vida de quem é fiel. E quem o tem, sabe que só Ele é capaz fazer do perdedor um vencedor.

A minha família, meu querido filho Wellingson que tanto fez por mim tomando conta da irmã junto com seu pai, pois não é fácil cuidar de uma criança de apenas 07 (sete) meses na época, para eu ir à universidade. As sobrinhas, Liédia e Bruna, que mesmos morando longe de mim faziam o que podiam indo pegar a minha filha Elís, na UEPB em quando era necessário.

A professora Teresa Neuma, que dizia vá enfrente! Estude que um dia ira conseguir vencer as marcas deixadas no seu histórico escolar, pois o mais importante eu já tinha, que era a vontade de vencer.

A Roberta Soares, com toda simplicidade me dizia: Você pode tudo, desde que lute para conseguir, pois Deus faz o resto.

Ao professor Marcelo Vieira da Nóbrega, sem o qual não teria conseguido terminar esse trabalho, ele me surpreendeu com sua paciência e humildade, sempre me encorajou quando eu estava desanimada, pensando que fazer um trabalho monográfico não era para mim.

A Sandra, Vanuza, Abisague, Iasmine, Egberto, Joel e Kalberta, dessas pessoas vou guardar os momentos alegres.

“O discurso acontece na história, por meio da linguagem, pois é uma das instâncias por onde a ideologia se materializa” (FERNANDES).

RESUMO

Esta pesquisa visa investigar as causas que levam a mulher-aluna e trabalhadora do campo a desistir de se alfabetizar ou dar continuidade aos seus estudos, nos Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Aprofunda-se, a partir dos objetivos específicos, a) analisar os motivos que conduziram essas alunas a viverem à margem da escrita e da leitura; b) estudar, à luz da Análise do Discurso na linha francesa, às diversas manifestações dos discursos que subjazem nas suas práticas de vida e atitudes. Através de uma leitura comparativa das diferentes maneiras de dizer das alunas, analisa-se nesses discursos a interpelação da formação discursiva e a formação ideológica que evidenciam a posição de autoria do sujeito que se enuncia, tendo como base a análise da questão: O que leva a mulher do campo a desistir de se alfabetizar ou dar continuidade aos seus estudos no PBA? Na busca de respostas, realizamos entrevista, cujas respostas dadas pelas 04 (quatro) informantes evidenciam as causas que contribuem para condição atual de tais sujeitos. Estas 04 informantes constituem o nosso *corpus*, tendo como base os fundamentos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa que tem o discurso como objeto de análise. Nessa direção tomamos como referências as contribuições teóricas de Orlandi (2007), Pêcheux (2007), Brandão (2004), Fernandes (2008), Bourdieu (2002) entre outros. Nessa ótica, a análise dos dados evidencia que o discurso sobre os motivos que levam a desistir de se alfabetizar ou dar continuidade aos seus estudos são os mesmos, o discurso da violência simbólica que ganha espaço de maneira sutil os desdobramentos de caráter legitimador, que ordenam e estabelecem os mecanismos de controle entre as categorias de homem e mulher, que ultrapassou décadas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso na linha francesa; Analfabetismo; Mulheres trabalhadoras; Programa Brasil Alfabetizado.

Abstract

This research focuses on investigating the causes that lead to student and working-woman field to give up or become literate to continue their studies in the Literate Brazil Program (PBA). Through a comparative reading of different ways to tell the students, analyzing these discourses discursive formation of the interpellation and ideological formation that show the position of the guy who authored states, based on analysis of the question: What leads a woman field to give up or become literate to continue their studies in the PBA. Already the specifics are well discriminated: a) analyze the reasons that led these students to live on the fringes of writing and reading, b) study, in light of Discourse Analysis in the French line, the various manifestations of discourses that underpin their practices life and attitudes. In seeking answers interview interview with the following questions. The answers given by the four informants who reveal the causes that contribute to current condition, constituting our corpus. Through the theoretical foundations of Discourse Analysis of French line that is the object of discourse analysis. In this direction we take as reference the theoretical contributions of Orlandi (2007), Pecheux (2007), Brandão (2004), Fernandes (2008), among others. From this perspective, the data analysis shows that the discourse on the reasons why literacy is to give up or continue their studies are the same, though decades separate these informants.

KEYWORDS: Speech. Discursive Formation. Ideological Formation. Subject of discourse. Perpetuation of illiteracy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. Trajetória da Educação no Brasil.....	12
1.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA.....	17
2. Fundamentação Teórica.....	19
3. Análise dos dados.....	25
3.1 Sujeito (A).....	25
3.2 Sujeito (B).....	31
3.3 Sujeito (C).....	34
3.4 Sujeito (D).....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Em toda formação histórica da educação no Brasil, a mulher trabalhadora, sujeito desta pesquisa, entre outros grupos sociais, sofreram e sofrem com as políticas educacionais implantadas em nosso país, pois, via de regra, são centradas em uma ideologia que enfoca um modelo dualista e excludente, que relegava as mulheres e os pobres à margem da educação.

Pretendendo, se não erradicar, pelo menos amenizar a forma como mulheres e pobres foram excluídos da educação no Brasil, em janeiro de 2003, durante o primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos (EJA) seria direcionada para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade propícia. Seria uma das prioridades do novo governo federal, que criou a Secretaria Extraordinária de Analfabetismo e que tinha a meta de erradicar o analfabetismo ao longo do primeiro mandato governamental.

Foi com tal intuito que surgiu o Programa Brasil Alfabetizado, para minorar as taxas de analfabetismo no Brasil, que, de acordo com o censo de 2000, chegavam a 15.467.262 pessoas com mais de 15 anos analfabetas. Este programa é administrado pelo governo federal, que contribui com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior, com objetivo de universalizar a alfabetização de brasileiros.

Entretanto, o alto índice de analfabetismo continuou. Segundo o censo de 2010, a Paraíba tem uma população 938.179 habitantes em idade escolar, e a taxa de analfabetismo entre 10 a 14 anos atingindo 6,4 %; já entre 15 anos ou mais atingindo 21, 9% desta população na Paraíba.

Esse programa contou com a parceria da UEPB. A partir desta instituição, como professora, em outubro de 2011, é que me deu a oportunidade de verificar, por exemplo, que a maioria das pessoas matriculadas desiste antes mesmo do início das aulas. Tal evasão despertou em mim o interesse de investigar uma de suas principais causas: “O que leva a mulher-aluna trabalhadora do campo a desistir de se alfabetizar ou de dar continuidade aos seus estudos?”.

Sabemos que a Paraíba tem hoje o índice de analfabetismo feminino é muito alto e sua concentração é ainda maior na zona rural, devido à cultura patriarcalista representado pela força masculina, que é a mola propulsora na evasão escolar dessas mulheres. Saber que são nas relações conjugais que se perpetua o analfabetismo, é um grande passo para se não acabar, pelo menos amenizar a evasão nos Programas de Alfabetização para Jovens e

Adultos na Paraíba. Nossa pretensão que esse trabalho auxilie nos projetos políticos educacionais que incluam propagandas televisionadas mostrando que proibir as seus companheiros de estudar é privar a mulher de seus sonhos de ter uma visão global do mundo.

Nesta perspectiva, nosso trabalho tem como objetivo geral investigar as causas que leva a mulher-aluna do campo a desistir de se alfabetizar ou de dar continuidades aos seus estudos no Programa Brasil Alfabetizado na Associação de Moradores de Caixa D'água, no Município de Queimadas - PB. Através de uma leitura comparativa das diferentes maneiras de dizer das ex-alunas, analisar nesses discursos a interpelação da formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI) que evidenciam a posição de autoria do sujeito que se enuncia, tendo como base da análise a questão do analfabetismo da mulher do campo. Já os específicos estão assim discriminados: a) analisar os motivos que conduziram essas alunas a viverem à margem da leitura e da escrita; e b) estudar, à luz da Análise do Discurso na linha francesa, as diversas manifestações dos discursos que subjazem nas suas práticas de vida e atitudes, mais especificadamente como se dá a inscrição dos sujeitos nas determinadas formações discursivas, isto é, como o social, o histórico, o ideológico marcam cada enunciado revelador das condições sócio-históricas nas quais as investigadas estão inseridas.

Esta análise apresenta como fundamento teórico os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, que tem como objetivo de estudo o discurso. Por esta direção, a nossa análise terá como base o princípio de que o sujeito discursivo, ao enunciar, ocupa e revela o lugar marcado pelo lugar sócio-históricas que é, por sua vez, regido pela ideologia em que estão inseridos e as quais as reproduzem.

Em termo metodológicos, os dados quantitativos que compõem o *corpus* desse trabalho foram coletados a partir de entrevistas que foram gravados individualmente com 15 alunas, sendo que 9 (nove) são desistentes e 6 (seis) que concluíram a etapa de alfabetização. Transcrevemos cada entrevista e selecionamos por faixa etária. Formamos 3 (três) grupos: (50 a 70) anos, (30 a 49) anos e (22 a 31) anos. Para efeitos dessa pesquisa formamos em corpus restrito com 04 informantes. Do primeiro grupo coletamos o relato da ex-aluna de mais idade 70 (setenta). Do segundo grupo selecionamos o relato da ex-aluna de 30 (trinta) anos; e do terceiro grupo coletamos dois relatos, um da aluna de 31 anos que concluiu e outro da aluna 22 anos.

Este Programa, Brasil Alfabetizado, foi oferecido pelo governo federal em parceria com a UEPB. As aulas tiveram início em 31 de outubro de 2011 a 31 de abril de 2012, na

Associação de Moradores do Sítio de Caixa D'água, Município de Queimadas- PB.

As entrevistas são dadas que consideramos significativos, pois são produzidos pelas próprias ex-alunas do Programa Brasil Alfabetizado. Em maio, de 2012 as informantes responderam às seguintes questões: **a) O que a impediu de estudar quando criança?, b) Por que resolveu estudar no Programa Brasil Alfabetizado?, c) Por que desistiu de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?, d) Como seu companheiro viu a sua atitude?, e) Qual a profissão que gostaria de ter?, f) O que é educação para você?** Evidenciam, então, “sinais” de como circulam os efeitos de sentido acerca do tema **(O que levam essas mulheres e trabalhadora do campo a desistir de se alfabetizar ou dar continuidade aos seus estudos?)**.

Este trabalho encontra-se dividido em 04 (quatro) capítulos: Letramento; A trajetória da educação do Brasil; Marco Teórico; e Análise dos Dados.

No primeiro capítulo, procuramos definir o que é letramento.

No segundo capítulo, intitulado *História da EJA*, procuramos tecer o percurso histórico da educação do Brasil e a origem da EJA.

No terceiro, por sua vez, tecemos algumas considerações acerca da concepção teórica que fundamentou a nossa pesquisa – AD (francesa), mais especificamente as categorias consideradas fundamentais para o desenvolvimento da nossa proposta, tais como: a noção de discurso, de memória discursiva/interdiscurso, de formação ideológica, de formação imaginária e do sujeito discursivo, assim como de sujeito-autor.

Por fim, no quarto capítulo, apresentamos as análises dos dados relacionadas aos discursos das ex-alunas da EJA. Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos teóricos de autores - pesquisadores dessa linha teórica, a citar, Orlandi (2007), Pêcheux (2007), Brandão (2004), Fernandes (2008), Bourdieu entre outros.

1. A Trajetória da Educação no Brasil

Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, durante o período colonial, com o objetivo de cristianizar os indígenas e de difundir entre eles os padrões da civilização ocidental cristã. Esses padres organizaram galpões nos arredores das aldeias que funcionavam como escolas e construíram o primeiro colégio em 1551, mas seu principal objetivo era ensinar através da leitura e da escrita o português e catequizar as crianças indígenas, para que no futuro elas fossem seus aliados, ao mesmo tempo em que conquistavam a confiança dos índios adultos.

Segundo Soares, os jesuítas pensou em um método que pudesse incluir o seu próprio currículo que era baseado na gramática, na retórica, na humanística, na matemática, na filosofia e na teologia, para isso os mesmos observavam o cotidiano dos índios com o objetivo de elaborar uma metodologia pedagógica. Foi através dessas observações que surgiu uma metodologia baseada em elementos lúdicos (jogo, músicas, teatro). Esse mesmo método era usado na educação informal existente no interior das aldeias, quando as crianças aprendiam com os mais velhos, observando e brincando, buscando conhecimento levemente e no seu ritmo.

O sucesso foi tão grande que os colonos matricularam os seus filhos no colégio e em troca a Companhia de Jesus recebia doações generosas. É sabido que a educação era voltada para a aquisição da fé devido a pouca importância atribuída à alfabetização em si mesma; parece natural, mas se considerarmos que a educação só poderiam realmente servir à catequese, que mesmo em Portugal o sistema escolar só estava no começo e que o analfabetismo dominava não somente as massas populares e a pequena burguesia, mas se estendia até à alta nobreza e à Família Real.

Entretanto, Portugal passava por uma grande crise financeira e como viu que a Companhia de Jesus estava tão rica, que despertou a ambição de que para atingir o seu objetivo maior começou a escravizar os índios. Como os jesuítas eram contra a escravização criou assim uma zona de conflito com Colonos Portugueses, porém os jesuítas desafiaram os portugueses, ensinando aos indígenas em sua própria língua, chegando até a rezar a Missa em Tupi Guarani. Tal ato foi tido como um sacrilégio em uma época em que a Missa era rezada na Europa em Latim.

Os atritos foram se somando até que em 1759 o Marquês de Portugal, D. José, expulsou os jesuítas do Brasil e de Portugal, confiscando todos os bens da Companhia. Após a saída dos jesuítas do Brasil, começou o caos na educação, com a falta de

professores, sobretudo de alfabetização. Portugal resolveu o problema colocando os sargentos da milícia como professores; o ensino no Brasil sofreu um retrocesso, passando assim a ter um caráter autoritário e militarizado.

Quem não tinha condição de ter uma educação voltada para o letramento, restou uma educação na Doutrina Cristã. Meninos deveriam ser ensinados apenas a ler, escrever e contar, enquanto as meninas aprendiam a fiar, fazer renda e costurar, algo que foi denominado como ministério próprio do sexo; com esses fatos, a educação passou a ser elitizada; nessa época, o ensino público e gratuito não era uma preocupação do Estado.

Com a educação no Reino Unido do Brasil, começaram algumas reformas educacionais, pois foi nessa época em que a Família Real Portuguesa veio para o Brasil, e com isso houve uma melhoria na educação, pois antes a imprensa era proibida, e os livros tinham que ser importados e passavam por uma rigorosa censura, mas apenas até a chegada de D. João VI; com isso os livros puderam ser impressos aqui no Brasil, sem falar que a abertura dos portos às nações amigas facilitou a entrada de livros e ideias inglesas, fato que contribuiu para um maior conhecimento na área de exatas, biologia. Nesse período, todo imperialismo do século XVII, que era representado por John Luck Hobbes, George Berkeley e David Humer, já se formara na Inglaterra a ideia de que o conhecimento só podia ser construídas através dos sentidos, das experiências concretas e particularizadas.

Por outro lado, os alfabetizadores seguiram o modelo oficial imposto por D. João VI, este que fundou o centro de formação no Brasil, além de diversas instituições culturais que melhoraram o sistema educacional. Porém na alfabetização esse monarca fez uma maquiagem moderna para esconder as práticas arcaicas, já que poucas escolas gratuitas, voltadas para as séries iniciais, foram construídas e as poucas que existiam eram restritas aos colonos, pois nesse tempo o Estado não queria assumir a obrigação de fornecer educação para todos.

Entendemos que para ele não era viável. Logo depois da independência do Brasil, em 1822, houve alguns avanços no letramento, pois D. Pedro I promulgou um ato adicional à Constituição, em 1824, em que transferia para as províncias a responsabilidade pelo sistema de ensino e pela formação de professores; foi aí que apareceram as escolas normalistas, onde qualquer um podia se matricular, desde que o juiz de paz julgasse se os candidatos eram aptos ou não.

As Escolas Normais eram custeadas pelo Estado. Preparavam para a alfabetização, porém só abrangiam as províncias da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A Paraíba e os demais Estados eram excluídos da educação. Em 1849, o governo, para

diminuir os custos, diminuiu as exigências para os professores ministrarem aulas: antes era necessário possuírem o ensino superior; agora com esse rebaixamento só era necessária a formação primária; os salários, com efeito, foram rebaixados.

D. Pedro II fundou uma escola de ensino médio para os professores cursarem, que na verdade pertencia à elite. Nesta, os professores ensinavam nas próprias fazendas ou nas próprias casas; sendo assim, a população ficava à margem da educação.

Com a proclamação da República, em 1889, para se ter um sistema de instrução pública e gratuita com “objetivo” de equalizadora de oportunidades, o Estado passou a oferecer ensino público e gratuito dentro de um projeto de formação da nacionalidade para todos. Finalmente, a alfabetização se tornou obrigatória após dois anos. Em 1891, todos passaram a ser considerados iguais perante a lei.

Desde então, começava um grande debate sobre a questão educacional e o alto índice de analfabetismos, revelado no relatório do ministro José Bento da Cunha Figueiredo, apresentado em 1876, afirmava que nesse ano 200.000 alunos frequentavam as escolas elementares e que havia difundido o ensino noturno para adultos.

Contudo, foi com o desenvolvimento industrial, no começo do século XX, que a valorização trazia em si pontos convergentes em relação à educação de adultos, pois essa valorização da língua e da escrita tinha o objetivo de dominar as técnicas de produção.

A leitura e a escrita eram vistas como ascensão social e como base de voto. Foi ainda na República, na primeira década do século XX, que uma campanha que contribuiu para que o governo assumisse em criar um fundo destinado à alfabetização da população analfabeta adulta. É devido a história da educação brasileira excludente que temos hoje um índice tão alto de analfabetos pleno, o qual despertou em educadores de modo geral, estudantes de graduação, pesquisadores, coordenadores de programa, construíram com suas práticas um novo fazer e pensar a Educação de Jovens e Adultos, superando a Legislação já ultrapassada, e criando assim uma diversidade de projetos, de programas que quebram com a padronização que marcou a educação de adultos, segundo a LDB 5.692/71.

Para isso, contou as iniciativas municipais que se somam às experiências de grupos populares e de organização não governamentais. Tal prática, entretanto, vem mudando e a EJA está ganhando, mesmo que seja de forma tímida, novos aliados, como a UEPB e a UFPB, para enfrentarem o analfabetismo, pois como se sabe o Estado mostrou-se alheio à EJA.

O reconhecimento do MEB (Movimento de Educação de Base), como referência, fez com que essa instituição estivesse representando o segmento das ONGs do Brasil na V

CONFINTEA (Conferencia Internacional de Educação de Adultos), em Hamburgo, na Alemanha em 1997. Tal fato foi um grande impulso para que as diversas iniciativas ligadas à EJA se articulassem. No ano de 1996, foram realizados vários encontros estaduais de EJA, com objetivo de fazer um mapeamento das ações e instituições ligadas a essa área. Após isso, realizaram encontros regionais de posse dos documentos elaborados nos estaduais. A etapa seguinte foi marcada com um grande Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos em Natal-RN. Tal documento de Natal é o retrato da EJA do Brasil. É o retrato da EJA no Brasil. Entretanto, como é de praxe, o que foi para beneficiar a educação, esse documento foi rejeitado pelo Ministério da Educação, que discordou da realidade que apresenta, culminando com a exoneração da coordenadora da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria do Ensino Fundamental do MEC.

Apesar do obstáculo, as etapas preparatórias para a V CONFINTEA, que possibilitaram uns conhecimentos, aproximação e uma articulação de segmentos envolvidos com a EJA. No Rio de Janeiro surgiu o primeiro Fórum de Educação de Jovens e Adultos. Dessa iniciativa surgiu um movimento nacional de continuidade da V CONFINTEA, que se materializa em encontros anuais de educação de jovens e adultos. Hoje, temos os seguintes fóruns estaduais: PB, RJ, MG, ES, RS, SC, TO, MT e AL.

Em alguns Estados existem comissões pró-constituição de fóruns como em PE, GO, BA e CE. Após a V CONFINTEA que geralmente corre na semana de alfabetização, culminando no dia 8 de setembro – dia internacional da alfabetização. O I ENEJA foi realizado no Rio de Janeiro em 1999.

O II foi em Campina Grande, PB em 2000, em que se discutiu o conceito de alfabetização e a relação de parcerias entre as instituições envolvidas com a EJA. O III ENEJA, realizado em setembro de 2001, ocorreu na cidade de São Paulo, tendo como tema central – O Plano Nacional de Educação – com a seguinte interrogação: a quem cabe cumprir?

A legislação anterior – LDB 5.692/71, parecer 699/72, que estabeleceu as Doutrinas para o Ensino Supletivo, seguia orientações e se centralizava nas características da lei supracitada, além de ignorar diversas experiências existentes no Brasil no período anterior ao golpe de 1964, como as dos CPC's (Centros Populares de Cultura) da UNE, o MCP (Movimento de Cultura Popular) da Prefeitura de Recife, a Campanha de pé no Chão também se aprende a ler, da Prefeitura de Natal, o MEB (Movimento de Educação de Base) nas regiões Norte e Nordeste e a Alfabetização de Jovens e Adultos de Paulo Freire.

Tal parecer se fundou na Constituição Brasileira de 1988, que estabeleceu o direito à

educação de jovens e adultos, expressos no art. 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante “Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito inclusivo para os que a ele não tiverem acesso na idade própria”.

O parecer 699/72 negava esse direito, pois o resguardava para a faixa etária dos 7 aos 14 anos. A falta de uma legislação federal que garantisse a direito dos jovens adultos à educação que fizesse uma parceria com a falta de uma política voltada para a educação deste público, fez aumentar o quadro do analfabetismo. Segundo Soares há 13,3% de analfabetos acima de 15 anos e de mais de 15 milhões sem o ensino fundamental. Sabemos que a LDB 9.394/96 foi uma colcha de retalhos que tenta conciliares interesses governistas, privatistas e publicistas. Nos Arts. 37º e 38º, que dizem respeito diretamente à Educação de Jovens e Adultos, a lei incorporou a mudança conceitual de EJA que se dava desde o final dos anos de 1980 (SOARES, 2002, p. 12).

1.1. As Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA.

O parecer 2000 é um documento que regulariza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Nele é muito importante para se entender os aspectos da escolarização dos jovens e adultos no interior de um campo mais abrangente que é o da EJA.

Esse texto contém dez itens assim distribuídos: Introdução, Fundamentos e Funções da EJA; Leis legais; A EJA; Bases históricas; Iniciativas públicas e privadas; Alguns indicadores estatísticos; Formação docente; As Diretrizes Curriculares de EJA; e O Direito à Educação. Mais uma vez a EJA foi excluída pelo FUNDEF, Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério e os vetos aos artigos do PNE, que previam recursos para ampliar o atendimento visando atender às metas do Plano Nacional, comprometem o funcionamento da Educação dos Jovens e Adultos e como sempre, encontram respaldo no Documento das Diretrizes Curriculares que indica a necessidade de se estabelecerem as fontes para esse financiamento, onde faz referência à ausência das matrículas da EJA no Fundef.

Miguel Arroyo, que critica as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA, ratifica que a principal delas reside no fato de que as Diretrizes se ocupam somente dos aspectos escolares da EJA, deixando para trás toda a riqueza das experiências dos processos não formais da educação de adultos existentes no Brasil, desde os anos 1950 e 1960. Em alguns Estados, ainda passaram a participar da elaboração das diretrizes estaduais; e em alguns municípios, da regularização municipal da EJA.

Como podemos observar a expansão do acesso à escolarização no Brasil ao longo do século XX não alcançou com intensidade as gerações adultas, e os sistemas educacionais continuam a reproduzir em seu interior processos de exclusão que afetam particularmente os jovens pobres, de que resultam, os elevados índices de analfabetismo e numerosos contingentes populacionais com escolaridade reduzida e de má qualidade. Isso se deve em boa parte ao discreto das políticas de EPEJA, que deixou para trás a educação, que deveria ser voltada na realidade de cada Estado de acordo com a realidade de seu povo, como afirma Paulo Freire: (1964, p.150) “articular com essa realidade nas causas mais profundas dos acontecimentos vividos, procurando inserir sempre os fatos particulares na globalidade das ocorrências da situação.” A aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma leitura do mundo. Ele parte da visão de um mundo em aberto, isto é, a ser transformado em diversas direções pela ação dos homens (Educação como prática da liberdade, 1975, p. 150). É relevante ressaltar que na Paraíba, segundo o censo de 2010, possui uma taxa de

analfabetismo entre 10 a 14 anos são de 6,4% e 15 anos ou mais são de 21,9%.

Os Jovens e adultos alunos da EJA possuem inúmeras potencialidades de aprendizagens merecem ser estimulados a reconhecerem que podem aprender no cotidiano da vida, pois a finalidade da educação é criar condições que favoreçam a construção da postura do ser humano na sociedade, possibilitando entender e explicar a realidade, enfrentar os problemas do dia-a-dia, buscar soluções, tomar decisões, se pôr criticamente diante da realidade e intervir para transformá-la e transformar a si mesmo, enquanto sujeito incluso, histórico, crítico e criador do próprio futuro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, procuramos fazer algumas considerações acerca da Análise de Discurso da linha francesa. Objetivamos, por meio dessa concepção teórica, fundamentar o nosso objeto de análise - alguns relatos dados por ex-alunas do Programa Brasil Alfabetizado, no Sítio de Caixa D'água, Município de Queimadas – PB. Nestes depoimentos, procuramos evidenciar os possíveis efeitos de sentido, presentes nos modos de dizer de cada sujeito participante desta pesquisa.

Apresentaremos a origem da Análise de Discurso e alguns conceitos sobre o discurso que servirão de base para o nosso trabalho que pretendemos desenvolver, como a noção de discurso, de interdiscurso, memória discursiva, formações ideológicas, formações imaginárias e a posição do sujeito autor.

Em 1969 Michel Pêcheux deu início à Análise de Discurso na França, com a publicação intitulada Análise Automática do Discurso (A AD). Nesse mesmo ano houve também o lançamento da importante revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, que vai à busca do sujeito discursivo, até então descartado. Sob essa ótica, o sujeito é, sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente. Tal fato tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação. (HENRY, 1992, p. 188).

A A.D. de base francesa vai ser influenciada em parte pela psicanálise, apresentando o sujeito descentrado, como aquele que está distante do sujeito consciente que pensa livre e é dono de si. A outra parte desse sujeito inconsciente vai se encontrar na história, segundo a ideologia althusseriana. Através dessa visão foi formulado o conceito de ideologia como “uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. É a natureza imaginária (da relação entre os homens e as suas condições reais de vida) que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda ideologia (ALTHUSSER, 1980, p. 81).

Pêcheux afirma que a materialidade ideológica só é apreendida a partir da materialidade linguística, que aparece nas formações discursivas, ou seja, aparece no dizer de cada sujeito (1988, p.163).

A Análise de Discurso (AD) Francesa caracteriza-se por uma ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, como a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Nesta perspectiva, o sujeito não é visto como um ser humano com existência

particular no mundo, e sim como um ser sócio-histórico e ideológico apreendido em um espaço coletivo. Assim, todo discurso é heterogêneo pelo fato de estar sempre se relacionando com discurso já ditos e apontando para os discursos futuros, porque em todo discurso, há um entrecruzamento de diferentes discursos dispersos no meio social, ao sabor da ideologia e do inconsciente.

Para A.D. o discurso implica uma exterioridade à língua. Encontra-se no social e envolve aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas pronunciadas. Por tanto, segundo (Fernandes, 2008, p.10):

a A.D se encarrega de analisar o discurso, que por sua vez, implica uma exterioridade a ser apreendida no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos nos diferentes contextos sociais.

Por isso, é que as vozes destes sujeitos revelam os lugares sociais em que estão inseridos, e que através de cada voz está expresso um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade sócio-histórico e ideológico. Portanto, podemos diz que o sujeito é polifônico, já que é de se sua voz que emanam vários discursos. Segundo Fernandes (2007, p.38):

o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes seguimentos em um mesmo ou em outros diferentes âmbitos social; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo o que nos leva, com Baktin, à constatação de que o sujeito é polifônico.

Sobre o discurso é bom entender que sempre estamos envolvidos num processo de produção de sentidos que exige, a todo instante, um ato de interpretação. E esse processo ocorre quando o discurso se materializa na linguagem. A esse respeito afirma (Fernandes, 2008, p, 24):

o sujeito ao se mostrar, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição; de sua vez, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas

O discurso é para AD a palavra, etimologicamente, que tem em si a ideia de movimento, ou seja, os discursos se movimentam em direção a outros. Sempre está atravessado por vozes que antecedem e que mantêm constantemente duelo. Sob esse contexto, o analista pode relacionar a linguagem com o mundo, com os sentidos, com a história.

Nesta visão, podemos dizer que a formação discursiva revela formações ideológicas integrantes onde apresentam em seu interior, diferentes discursos, em que A.D. denomina de interdiscurso. Em relação a isto Fernandes (2007, p. 53) ratifica que:

a noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de estrutural fechada na medida em que o dispositivo da (FD) está em relação paradoxal com seu “exterior”, uma FD não é um espaço estruturalmente fechada, pois é constitutivamente “invadida”, por elementos que têm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se representam nela, fornecendo-lhe suas discursivas fundamentais.

Para Robin (1973, p.), uma formação discursiva a resulta de um campo de configurações que coloca em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados, sem um momento histórico específico, contudo não se limita a uma época apenas. Em seu interior encontramos elementos que tiveram em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se faz presente sob novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentidos.

Segundo Fernandes (2007, p. 50):

uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram, pois apresenta em seu interior a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se de interdiscurso.

O interdiscurso é a presença de diferentes discursos oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva, É um conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos. Nessa ótica Brandão (2004, p. 95), diz que:

é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados

pertencentes às formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história”.

Para Análise do Discurso, as formações ideológicas marcam as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos. Logo, a ideologia é crucial para a noção de discurso. Assim, as palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas, pois são através delas que os sujeitos em interlocutores se inscrevem. Nessa ótica, afirma (PÉCHEUX, 1997, p.190).

Que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Nesta concepção, o sujeito ao mostrar-se inscreve em um espaço socioideológico e não em outros; enuncia a partir de sua inscrição ideológica; de sua voz, emanam discursos, cujas exigências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas, FERNANDES (200). Assim, é possível dizer que a ideologia está relacionada à interpretação, em que produz evidências e coloca o homem na relação imaginária com suas próprias condições materiais de existências.

Sabemos que o sujeito defendido pela AD francesa é um sujeito envolvido no social, determinado por uma exterioridade. O sujeito, ao se pronunciar, se mostra revelando sua posição no contexto em que está inserido, pois é através de seu espaço, que a voz do sujeito vai revelar-se, expressando um conjunto de outras vozes integrantes da realidade social.

Sob a ótica de Fernandes: (2007, p. 35) nos reafirma que:

o sujeito falando remonta à perspectiva assinalada quando expusemos a noção de discurso; refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica - ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais. Compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz.

De acordo com o que vemos até agora sobre o sujeito, vamos refletir sobre o processo de autoria. A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instancias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor (ORLANDI, p.74).

O autor é a representação da unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito, ou seja, o autor é aquele que se apresenta como “eu” no discurso e o enunciador. É a perspectiva que esse “eu” constrói.

Já na visão de Foucault, o discurso é o caminho de uma contradição à outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta.

Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (FOUCAULT, 2005, p. 171):

Por sua vez, na visão de Maingueneau (2005), o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas.

Através desses teóricos podemos dizer que na Análise do Discurso (AD) na linha francesa o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade.

Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição – ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório. Como a nossa análise tem como objetivo identificar o discurso da mulher-aluna e trabalhadora do campo faz-se necessário, também, que tenhamos como marco teórico educacional.

Sobre a perspectiva de Brandão na medida em que retiramos de um discurso fragmentos e inserimos em outro discurso, fazemos uma transposição de suas condições de produção. Mudanças nas condições de produção, a significação desses fragmentos ganha nova fragmentos ganha nova configuração semântica (BRANDÃO, 1993).

Através dessas considerações teóricas que nós justificamos o nosso objeto de análise - os obstáculos que impediram as mulheres - alunas e trabalhadoras do campo - a desistirem de se alfabetizar.

3. ANALÍSE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises dos dados relacionadas aos discursos das ex-alunas da EJA. Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos teóricos de autores - pesquisadores dessa linha teórica, a citar, Orlandi (2007), Pêcheux (2007), Brandão (2004), Fernandes (2008), entre outros. Como já mencionado, selecionamos 04 (quatro) informantes de faixas etárias distintas, conforme prévia seleção a seguir discriminada: do primeiro grupo coletamos o relato da ex-aluna de mais idade 70 (setenta). Do segundo grupo selecionamos o relato da ex-aluna de 30 (trinta) anos; e do terceiro grupo coletamos dois relatos, um da aluna de 31 anos que concluiu e outro da aluna 22 anos. Tal critério metodológico de seleção se prende ao fato de se poderem abordar diferentes perfis etários, tentativa de se buscar mais fidelidade nos resultados da pesquisa.

Partiremos da análise das respostas de cada sujeito com as seguintes idades: sujeito A- 70 (setenta) anos, sujeito B - 30 (trinta) anos, sujeito C - 31(trinta e um) anos e sujeito D - 22 (vinte e dois) anos.

3.1. Sujeito (A)

Em resposta à “*O que a impediu de estudar quando criança?*”, a informante (A) revela: “*Pai! Exatamente mia fia, tenho tudo isso gravado aqui, não sai da mia cabeça, ói o siguinte o que sei agradeço a meu pai eterno foi um dote que Deus me deu, porque pai não queria que a gente fosse estudar*”.

Pai dizia quem precisa estudar é fio, homem porque fia feme estudar pra quando estiver com 11, 12 anos tá escrevendo pro namorado, pai dizia isso visse! Mais mesmo assim ele disse assim, pode estudar, mais sim, primeiramente , me dava alimpar seis carreira de mato pra eu alimpar só que eu nunca na mia vida eu alcancei de terminar por mais que eu corresse, alimpava só 5 carreia e meia pronto aí parava maicia o dia mia fia levantava \ antigamente não é como hoje ,hoje mia fia é só comprar o fubá colocar de moio e fica fácil \ era mi pra moer na maquina \ era mia vida .

E botava 3 ou 4 ampureta d’água na cabeça , aí mesmo assim eu fazia , eu cum força de vontade de estudar , aí a professora conhecida da gente e de pai e tudo \ D. Marlete , quero fazer um pedido a senhora , aí eu tenho muita vontade de estudar intão eu, se a sinhoraconcenti eu vim, eu vou e estuda , agora vou chegar atrasada de todos o alunos se a senhora concenti (pode vim), aí quando eu estudava era uma derradeira aluna, Deus me deu uma memória pra ler e decorar.”

Ao iniciarmos a leitura da informante (A), observamos um sujeito falando de um lugar social, marcado historicamente pela formação de base agrícola, que excluiu a educação como base de desenvolvimento, na qual a informante – sujeito - esteve inserida e que representa inúmeros sujeitos submetidos a essa cultura excludente.

Esse sujeito que se apresenta descentrados de um “eu”, cuja sua voz representa um conjunto de outras vozes, integrante de cada realidade social, históricas e ideológicas que envolvem um grupo. Quando a informante (A) Afirma: “*(...), pai não queria que a gente fosse estudar. Pai dizia quem precisa estudar é fio, homem porque fia fême estudar pra quando estiver com 11, 12 anos ta escrevendo pro namorado, pai dizia isso visse!*”.

Devido à marca deixada na voz desse sujeito, através dos signos linguísticos “a gente”, que hoje é empregada como pronome pessoal, a qual expressa condições sociais, históricas e ideológicas específicas a um determinado grupo de sujeitos inseridos em uma formação discursiva (FD) dada. Com tudo, esse sujeito fala de um lugar social. Este lugar no discurso é governado por regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito.

Desse modo, temos um sujeito que se enuncia como um “eu” pluralizado, assim o sujeito revelador de várias vozes sociais que caracterizam a interdiscursividade que fica

evidenciada nesse fragmento em que a informante (A) fala que: *“Pai não queria que a gente fosse estudar, pai dizia quem precisa estudar é fio homem, pra que fia fême estudar? Pra quando estiver com 11, 12 anos tá escrevendo pro namorado, pai dizia isso visse!”*.

No fragmento supracitado, percebemos os entrelaçamentos de diferentes vozes carregadas de marcas sociais, históricas e ideológicas. Podemos dizer que esse sujeito, ao se mostrar, revelou discursos já-ditos, onde esses já-ditos são sempre uns jamais-ditos, que silenciou na dispersão temporal e, pela descontinuidade na história, renuncia a temas e acontecimentos que, como discursos, permanecem apagados no tempo em decorrências das transformações históricas e sociais em que ocorrem.

É através desses jamais-ditos, que aparece o sujeito em questão, inserido na agricultura, onde revela o trabalho agrícola que abrangiam também, a mão de obra infantil, tida como base de desenvolvimento no período Brasil Colônia, e que excluía a educação.

Como se vê, na formação do Brasil não se teve como base de desenvolvimento a educação. Pois esta era de origem europeia, baseada na doutrina Cristã, que excluía as meninas da educação escolar, pois elas só podiam aprender a bordar e a fiar; já os meninos podiam aprender a ler, a escrever e o domínio da matemática. Prática conhecida na época como ministério próprio do sexo. Porém, só tinham acesso a essa educação quem pertencesse à elite.

Sob tal perspectiva, a Análise de Discurso afirma que todo o discurso se faz sentido no lugar em que foi constituído, pois a noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia. Desse modo envolvendo os sujeitos em interlocução.

Observa-se que o sujeito em questão é inserido em uma sociedade que se formou de relações hierarquizadas. São relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares historicamente marcados pela exclusão das classes menos favorecida. No entanto, o sujeito (A) é o reflexo dessa sociedade em que a mulher, entre outros grupos sociais, foi excluída da educação.

Esse sujeito foi/é interpelado por esta cultura histórica, porém fala de acordo com sua formação social, histórica e ideológica, pois todos os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem às regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados.

Em resposta à *“Por que estudou quando casada?”* a informante (A) conta que:

“Não estudei só tomando conta dos filhos.”

Percebe-se que este modo de vida se resumia em casar e tomar conta dos filhos. Era uma prática propícia à sua época, ao lugar em que está inserida. Como afirma Fernandes (2007, p. 35.):

“o que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena”.

Em resposta à ***“Qual a escolaridade dos filhos?”***, a informante (A) evidencia o poder ideológico, que ultrapassou o tempo e se reproduziu décadas depois, veja: ***“Não houve mia fia, nem nenhum, não P: E eles não gostaram de estudar?” r no mocotó dos paitrabaiando A filha da informante diz: Não esqueça de Lurdia ela estudou a 4ª série. Só quem fez a 4ª série foi Lurdia que repetiu duas vezes e Vânia.”***

Como sabemos, a ideologia ultrapassou o tempo e se reproduziu o mesmo discurso, ou seja, deu continuidade a uma cultura sócio-histórica, marcada fortemente pela ideologia religiosa, e influenciado pela doutrina Cristã de origem europeia que excluía as meninas e pobres, em que o não-dito está implícito em uma das causas do analfabetismo causado pelo trabalho infantil e pelo abandono das políticas públicas educacionais.

A A.D. francesa chama de interdiscurso, pois revelam sentidos já-ditos, vividos pelo próprio sujeito (A) e reproduzidos em épocas diferentes. Essas formações discursivas guiadas pelas formações ideológicas são responsáveis por condicionarem os mesmos discursos.

Em resposta à ***“O por que não continuou os estudos após o casamento?”***, a informante (A) ratifica que: ***“Não estudei, só tomando conta dos filhos e da casa”***.

Esta questão, já respondida anteriormente, mostra que esse sujeito constituído pelos interdiscursos, não consegue desprender-se dos costumes (culturais) que marcaram épocas passadas, que deixaram raízes profundas. Sob esta ótica Orlandi ressalta:

que no funcionamento da linguagem, que se compõe em relações sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, são processos de identificação dos sujeitos, de argumentação, subjetivação, de construção da realidade. (2007, p. 21).

Em resposta à questão **“Por que desistiu de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”** a informante (A) evidencia: **“Assim ... Quer dizer que eu ia mesmo como eu falei pra tu né mia fia, no dia de ir lá pra lá, vinha um problema pra resolver. \ Severino (espose) dizia: vai-te aquetar, porque não é possive aí chegou ao que”**

Ao responder, o sujeito (A), ao falar, deixa transparecer em sua voz (discurso), que há várias vozes que a impedem de estudar. Estas são constituídas na interação social, formadas de um conjunto de outras vozes, heterogêneas e polifônicas.

Nesse enunciado, há vários discursos que já foram ditos antes, em outros lugares, por outros sujeitos, características próprias da heterogeneidade discursiva que prevalece até hoje, na forma de persuadir o outro a tomar decisão contrária. Esse sujeito (A) teve o direito de estudar negado, pois prevaleceram as vozes que falam antes que a sua.

A resposta à questão: **“Como o seu companheiro viu a sua atitude de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”**, foi: **“Ele não apoiou”**. A resposta do sujeito (A), como percebemos, vai ao encontro das formações sociais, históricas e ideológicas, específicas a um determinado grupo de sujeitos inseridos em uma formação discursiva. Desse modo, observamos a interdiscursividade. Esse discurso que corrobora com o analfabetismo no Brasil.

Em resposta à questão: **“O que a escola poderia melhorar ou facilitar a sua vida?”**, a informante (A) mostra a importância da escola: **“pra saber os significados das palavras, saber fazer uma conta né? Eu achoque por mais que você sabe nunca é demais, merece estudar, quando alguém fizer uma pergunta à gente saber responder e tudo quando for resolver uma coisa saber onde ir.”**

No discurso do sujeito (A), percebemos no seu contexto sócio-histórico-culturalmente marcado pela ideologia que dualizou a educação brasileira que excluiu a mulher da educação que poderia ser um porto para elevação da autoestima, de convívio social, de amizade, de aquisição de novos conhecimentos que auxiliem no entendimento das práticas do dia a dia.

Sob a ótica da Análise de Discurso (AD) francesa o já-dito aqui é que esse sujeito que foi afetado pelo sócio- histórico vive à margem do mundo através da leitura e da escrita.

Em resposta à questão **“que é educação para você?”**, a informante diz: **“É respeitar as pessoas”** o sujeito (A) afirma que: **“É saber respeitar as pessoas”**. Percebemos nesse enunciado que a informante não ver educação como desenvolvimento

intelectual e a sua importância da leitura e da escrita na sua prática, mas como o ato de respeitar as pessoas.

O sujeito (A) fala que: **“é saber respeitar as pessoas”**. Percebemos nesse enunciado a importância da leitura e da escrita na prática social. Como podemos observar, o sujeito em questão é interpelado pela interdiscursividade, que, sem se dar conta, entra em contradição de seus discursos, quando diz que; ***pra saber os significados das palavras, saber uma conta né? Eu acho que por mais que você sabe nunca é demais, merece estudar, quando alguém fazer uma pergunta a gente saber responder e tudo quando for resolver uma coisa saber onde ir.*** Percebemos que a informante sabe que o significado da educação e sua importância para a liberdade dos homens e que a escola possibilita a ampliação do conhecimento da leitura e da escrita.

Em resposta à questão **“Qual a profissão que gostaria de ter?”** o sujeito (A) responde: ***“Não mia fia (...) que dizer eu nunca pensei alto não, eu pensava assim, eu nunca pensei de ser uma professora, nada eu pensei sempre assim na mia vida, de casar e assumir, tomar conta da mia responsabilidade, ser dona de casa mermo, em criar meus filho”***.

(P. insisto): **“senhora nunca quis ter A uma profissão?”**. ***“Não, eu nunca pensei não. Só assim de ter um estudo pelo menos que eu soubesse assinar meu nome, porque eu imaginava assim, às vezes eu olhava tinha uma força de vontade de estudar, que eu quando viajava via uma revistinha eu pegava uma letra pra ver se eu aprendia, eu imaginava assim meu Deus, eu não me importo.”***

Observa-se nesse discurso que o sujeito (A) que a leitura e a escrita não foram e não são como um meio de inserção econômica, e, sim, como uma realização pessoal. A leitura dá algo mais valioso que o dinheiro. Ela dá prazer, e esse prazer não deveria ser negado aos sujeitos.

Em resposta à questão: **“Você acha que a escola muda vidas?”**, a informante (A) mostra a importância da educação: ***“Eu acho que muda e muda pro bem na nossa vida ôxe, pelo amor de Deus, se você não tem aquela educação aí você estudando e a partir daquele momento você aumenta vai ficando outra pessoa”***.

O sujeito em análise demonstra em suas palavras o poder que tem a educação na transformação social, histórica e ideológica.

Em resposta à questão: **“O que a impediu de estudar quando, criança?”**, a informante (B) afirma que: **“Eu num quis mesmo e já comecei tarde”**.

De acordo com a primeira resposta, observa-se um sujeito que assumiu uma posição centrada em um “eu” em que se anuncia um sujeito consciente do seu atraso escolar. Tal sujeito é também marcado linguisticamente, assim como analisado no relato (A). O sujeito (B) pensa que o motivo de não ter estudado foi por opção própria, pois, como já sabemos, o sujeito é interpelado pelos interdiscursos que refletirão em suas atitudes hoje.

Em resposta à questão:

“Por que não continuou estudou?”, “Por que casei e engravidei”.

Analisando essa resposta, o sujeito (B) se mostra inconscientemente a sua realidade de sujeito submisso, mostrando o lugar em que convive e intercala essa mulher-aluna-trabalhadora do campo, que é interpelada por várias vozes que falam antes da sua, reflexo gritante dos interdiscursos, anteriormente citado, já que o (B) é nora do sujeito (A).

A questão casamento aqui, mais uma vez, carrega em si duas forças antagônicas, uma de poder e outra de submissão. O sujeito (B) é afetado inconscientemente pelo sócio-histórico. Porém, esse enunciado, hoje, já não tem o mesmo sentido que na análise (A). Isso, porque vivemos em um momento de aceleração educacional, mesmo com toda precariedade como a educação é tratada pelos nossos governantes, como é de “praxe”.

Hoje, já não faz mais sentido esse sujeito viver à margem da educação, por causa do casamento, porque o tempo é outro e com ele tudo se transforma. Sob essa ótica Fernandes ratifica que:

O aspecto histórico decorre da interação social entre sujeitos e grupos de sujeitos como um movimento ininterrupto e descontínuo na linha tempo, que conduz para a de novos discursos constituição e novos grupos sociais de novos sujeitos, bem como para a formação (2007, p. 52).

Em resposta: **Por que você resolveu estudar no Programa Brasil Alfabetizado?** (ficou pensando): **“Quis aprender alguma coisa né?”**.

O sujeito (B), ao silenciar, se mostrou que outras vozes falam primeiro que a sua, e o poder de diversas vozes discursivas atravessam o tempo e se reproduzem com modos deferentes de falares, porém já não faz mais sentido.

Uma formação discursiva (FD) não é um espaço estruturalmente fechado, pois é

constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais. (PÉCHEUX, 1990 b, p.314).

Em resposta a esta questão: **“Como o seu companheiro viu a sua atitude?”**,

A informante (B) assume a realidade que vive: **“Ele não disse nada”**.

O discurso, aqui, revela como vimos anteriormente um já-dito. Em outro lugar esse nada, corresponde ao que já está subentendido, como vozes marcadas antagônicas, de proibição que perpetua o poder do homem sobre a mulher paraibana, poder este que ganhou o nome de machismo.

Assim, todo discurso resulta de um já- dito (Não sabido, apagado) e esse já-dito é sempre um jamais-dito. Tudo que foi é enunciado, secretamente, silencia-se na dispersão temporal. (FENANDES, 2007, p. 55).

Em resposta à questão: **“Por que desistiu de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”**, a informante (B) revela: **“Não tive tempo”**.

Essa resposta evidencia o poder que as outras vozes que exerce sobre o sujeito em questão, pois o já-dito aqui fica claro devido análise já decorrida. Tal submissão é tão degradante que o sujeito em questão se camufla nos léxicos “filho” e na “falta” de tempo.

Em resposta à questão: **“O que é educação pra você?”**, a informante (B) silencia: **“Nãosoube responder”**.

O sujeito (B), através do silêncio evidencia o não já-dito que são os efeitos desses interdiscursos em sua vida, pois não tem como argumentar sobre as vozes que a domina e intercala a sua voz o seus desejos.

Em responder à questão: **“Que profissão gostariade ter?”**, a informante (B), deixa transparecer o seu desejo profissional: **“(tosse)... Queria ser professora”**.

Nesse enunciado o sujeito (B), ao tossir, revela a consciência que tem sobre a atual posição em que se encontra no lugar que está inserida, marcado pelo machismo que a proíbe de estudar. Esse sujeito é o reflexo da fusão de discursos que ultrapassou o tempo e anda de mãos dadas com o presente.

Já o sujeito (B) tem mais liberdade de falar, pois ela fala no próprio tempo de submissão, própria da época onde só queria saber ler só por prazer; já o sujeito mesmo estando inserida em um contexto atual, se mostra como um sujeito, também marcada pelo sócio-histórico-ideológico arcaica, mas tem desejos próprios de uma sociedade atual, de se inserir no mercado de trabalho.

Em responder à questão: *“Você acha que a escola muda vidas?”*. *“Muda, pode arrumar um emprego melhor, dar uma vida melhor para os filho para a família.”*

Percebe-se no enunciado (B) (31 ” falando mais alto, mostra o que realmente deseja e sem estudo estava à margem da inclusão no mercado de trabalho. Esse sujeito vê na educação como inserção econômica.

Mas ambas têm em comum os efeitos das ideologias que ultrapassaram o tempo e fizeram os sujeitos submissos, através dos discursos constituídos ao longo da história e pela ideologia. Ademais, o machismo revestido muitas vezes, de patriarcalismo, que priva as mulheres, independentemente de idade, de fazerem as suas próprias escolhas.

Por isso, que se faz necessário que cada sujeito reveja a criação dos seus filhos, para que eles não sejam no futuro, sujeitos que saibam respeitar a decisão que divergem das suas em prol das relações sociais. Segundo: (BOURDIEU, 2002).

Nas relações sociais com que o vínculo é de domínio/submissão, os dominados, inconsciente e involuntariamente, assimilam os valores e a visão do mundo e dos dominantes e desse modo tornam-se cúmplice da ordem estabelecida sem perceberem que são as primeiras e principais vítimas dessa mesma ordem, castradoras de direitos mais básicos, que é de ter o direito à educação, caracterizando assim uma violência simbólica que se faz através de um espaço de maneira sutil, os desdobramentos de caráter legitimador que ordenam e estabelece os mecanismos de controle das relações entre as categorias homem e mulher.

3.3 Sujeito (C)

32

Em responder à questão: **“O que a impediu de estudar?”**, a informante (C) mais uma vez usa os mesmos léxicos das primeiras informantes: **“Os filhos”**.

Diante dessa resposta, observa-se um enunciado com vários discursos já-ditos antes. Esse sujeito, que na verdade, revela o problema de dominação entre as relações conjugais, em que o homem detém o poder de decisão da mulher, aqui os léxicos “os filhos” servem como uma maquiagem que a mesma por vergonha, usa como escape para esconder a proibição que é submetida, a ponto de desistir de dar continuidade aos seus estudos, no programa de alfabetização. Sob a ótica da Análise de Discurso (AD) francesa, esse relato pode ter outra interpretação. Por exemplo: o quesito “filho”, como sendo um meio de se ausentar o verdadeiro motivo da sua desistência escolar, pois sabe que a educação a cada dia se faz necessário.

Ao responder à questão: **“Por que resolveu estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”**, a informante (C): **“Sei lá”**.

Mostra um sujeito que não tem um objetivo em relação aos estudos ou que não quer assumir as vozes que falaram primeiro que a sua.

Em resposta à questão: **“Como seu companheiro viu a sua atitude de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”**, a informante (C) diz: **“Ele apoiou”**.

Quando o sujeito (C) diz que ele apoiou a sua decisão, logo na questão “estudo” não terá problemas. Entretanto, quando pergunto se ela pode estudar à noite, já que durante o dia esse sujeito tem os a fazeres domésticos e apesar da idade já têm 2 (dois) filhos pequenos, a sua resposta se contradiz observe: **“só de manhã”**,

Como se percebe esse sujeito não tem o poder de escolha em que horário é melhor estudar, mostrando assim que também é um sujeito marcado pelo lugar social em que está inserido, e que há vozes que falam antes que a sua, de relação de força que ocupa um lugar de dominante e dominado, **“só de manhã”** enuncia dizeres já-ditos como já esclarecidos nas análises anteriores, e que como refugio se esconde no fato de ser mãe.

Em responder à questão: **“O que é educação para você?”**, a informante (C) tem consciência da importância da educação: **“Sem educação é mesmo que nada né? Tem que ter educação pra tudo, pra falar, pra tudo”**.

Percebe-se a formação discursiva (FD), que se refere ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições

de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.

E o enunciado revelado em sua voz determinadas condições sociais, históricas e ideológicas desse sujeito, o qual não sabe se posicionar, por não saber relacionar a pergunta ao diálogo em questão, mas sabemos que o sujeito (C) se referiu a uma das mais importantes das educações que é a que começa no meio familiar e que vai determinar as relações sociais. Sabemos qualidades como amor, respeito ao próximo, tolerância, persistência na luta, humildade, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, respeito às diferenças, são meios que dão abertura à justiça e isso começa na própria casa.

Com relação à questão da *profissão*, esse informante também não soube responder. Esse não dito que na verdade diz uma série de discursos que já foram ditos antes, em outros lugares, por outros sujeitos, que Analisando caracteriza uma heterogeneidade discursiva dito de outro modo.

3.4 Sujeito (D)

Em responder à questão: **“O porquê³⁴ de ter parado de estudar quando era criança?”**, a informante (D) diz que: **“Eu já começou tarde, e mesmo assim, só ia pra namorar”**

Percebem-se, nesse enunciador, as vozes que constituem todos os discursos já analisados. A educação tardia, que como uma droga deixa os sujeitos alienados, sem forças de lutar pelo direito à inclusão cultural, sem esperança a ascensão econômica. Quando o sujeito diz que **“Já começou tarde”**. Nesse enunciado se percebe uma conjuntura de vozes que falam primeiro que a sua, como a família e político educacionais, que são governados pelas ideologias, que é um conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem “individual” nem “universal”, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflitos umas com as outras. O sujeito em questão assume uma posição radical sobre o seu atraso escolar³³ e não tem consciência dos discursos que fala, antes mesmo do seu, e que se reproduzem na forma do atraso e abandono escolar.

Quando questionada o porquê da desistência da escola diz que foi porque conheceu e “engravidou, aí pronto”. A questão não dita se evidência, como em todos enunciados, na gravidez, nesse caso.

Ao responder à questão: **“O por que de estudar no Programa Brasil Alfabetizado?”** o sujeito (D) respondeu de acordo com o seu atual contexto, em que vê na educação a inserção de uma vida melhor.

“Pra mim aprender e poder ajudar os meninos em casa, vem uns exercícios difícil e eu ajudo”.

Essa resposta mostra o não- dito, que - importância da EJA para os alunos que está há muito tempo fora da escola, e mudar o quadro de analfabetismo que se reproduz há séculos em nosso país.

Quando o sujeito (D) diz: **“ajudar os menino em casa”**, esse enunciado já mostra que esse sujeito já é consciente do papel da família na educação de seus filhos, junto com a escola.

Ao responder à questão: **“Como o seu companheiro viu a sua atitude?”** o sujeito (D), respondeu de acordo com o seu atual contexto, em que vê na educação a inserção de uma vida melhor.

“Ele achou Bom por eu tá estudando e estou aprendendo”

Ao responder à questão: **“Em que a escola poderia mudar a sua vida?”**,

a informante (D), fala que: *“Num sei um bom ensinamento não é?”*.

Segundo (AD) de linha francesa, no enunciado na verdade carrega em si uma memória, também chamada de interdiscursividade, que já fala antes de sua vontade.

A informante (D), responde: *“Num sei Redjane, um bom ensinamento, não?”*. Mas, *o que significa uma boa educação?*

A informante (D) mostra o seu desejo: *“Inclusão no mercado de trabalho, enfim, uma qualidade de vida melhor”*.

Em resposta à questão: *“Qual a profissão que você gostaria de ter?”* a informante (D) evidencia o seu sonho profissional: *“Queria trabalhar assim... em supermercado, menos em casa de família”*.

Ao responder a questão: *“Você acha que a escola muda vidas?”*, *“(...) Sim”*.

O sujeito D ficou em silêncio. Ao se silenciar, o sujeito (D) mostrou o lugar em que está inserida, com suas marcas históricas e suas formações ideológicas. Como já sabemos, que o silêncio desse sujeito revelam vozes que antecedem o não dito. Como já falamos em questão anterior, são sonhos interrompidos que insistem em aparecer, mas logo os seus “companheiros” ocultam.

São discursos que se reproduzem que insistem em perpetuar o analfabetismo no Brasil através de duas forças antagônicas: dominado e dominante.

Sabemos que a nossa educação é o reflexo de uma política educacional excludente e dualista, que via o aluno como um ser uniforme e descentrado da própria realidade cultural.

Precisamos urgentemente repensar sobre as nossas atitudes que começam em casa com nossas famílias, pois ela é a primeira instituição educacional, para no futuro termos homens livres, que respeitam a decisão do outro em prol de uma sociedade livre para fazer as próprias escolhas e inserida na educação com letramento, no mercado de trabalho, na política, ou em outras atividades de sua própria escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da preocupação com as causas que contribuem para a evasão do Programa Brasil Alfabetizado no Sítio Caixa D'água, Queimadas- PB. Baseou-se na Análise de Discurso. Teve como pretensão analisar o discurso da mulher-aluna e trabalhadora do campo. Partiu-se do seguinte objetivo: analisar nos discursos as causas das desistências, até onde o discurso que envolve o analfabetismo da mulher do campo está presente nas mesmas, considerando a interpelação da formação discursiva e a formação ideológica que evidenciam a posição de autoria do sujeito que se enuncia, pode despertar reflexões sobre o analfabetismo e suas causas na sociedade brasileira, mais especificadamente na região em análise.

Procuramos evidenciar até onde está presente nos discursos que envolvem os motivos das desistências, que estão presentes nesses discursos. Levando em conta a interpelação da formação discursiva e a formação ideológica que vai evidenciar a posição de autoria do sujeito que se enuncia, traz contribuições para as autoridades competentes na elaboração de projetos que incluam essas mulheres que carregam em si marcas hereditárias da exclusão escolar.

Sabermos que o problema do analfabetismo se perpetua nas relações conjugais, pois os próprios “companheiros” proibem suas companheiras de se alfabetizarem ou darem continuidades aos seus estudos. Abrir tal discussão é um grande passo para, se não acabar, pelo menos amenizar a evasão nos programas de alfabetização para jovens e adultos na Paraíba.

Pretendemos que esse trabalho auxilie nos projetos políticos educacionais que incluam propagandas televisionadas, que mostrem que proibir suas companheiras de estudar é privá-las de seus sonhos de terem uma visão global do mundo, tirando destas a possibilidade de entenderem e explicarem a realidade, enfrentarem os problemas do dia-a-dia, buscarem soluções e tomarem decisões que elevem a sua autoestima, as tornem de fato cidadãs.

ANEXOS

Transcrição de entrevistas:

A.S. – Queimadas - 1974

P: quantos filhos”

A: dois. W. de 13 anos estuda no 7º ano e J. de 7 anos e está no 2º ano”

P: profissão”

A: do lar mesmo, ne”

P: por que parou de estudar quando ainda criança”

A: já comecei tarde e mesmo assim, só ia pra namorar.

P: por que desistiu de estudar”

A: porque conheci Wellington e engravidei, aí pronto.

P: por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

A: pra mim aprender e poder ajudar os meninos em casa, vem uns exercício difícil e eu ajudo.

P: como seu companheiro viu a sua atitude”

A: achou bom, por eu tá estudando e estou aprendendo.

P: a escola, o que ela poderia mudar ou melhorar a sua vida”

A: num sei Redjane, um bom ensinamento não”

P: qual a profissão que você gostaria de ter”

A: queria trabaiá assim em no supermercado, menos em casa de família.

P: você acha que escola muda vidas.

A: (+) Sim

P: por quê” ((não respondeu))

A: ((não respondeu))

A.P.S.S. – Queimadas - 1982

Idade: 30 anos

Escolaridade: estudou até 4ª série (parou a 15 (quinze) anos).

Profissão: Agricultura

Filhos: Um de 11 (onze) anos que está no 6º ano.

P: há quanto tempo você parou”

B: parei há 15 (quinze) anos mais ou menos.

P: estudou quando era criança”

B: não, estudei aqui com 15, 16 anos na Caixa D'água.

P: por que desistiu de estudar”

B: por que eu casei ((fala bem baixinho com medo de o marido escutar))

P: por que não continuou”

B: porque meu marido não deixou e estava grávida

P: por que não estudou quando criança”

B: eu num quis mesmo.

P: por que você resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

B: ((... ficou pausando)), quis aprender alguma coisa né.

P: como o teu companheiro viu a sua atitude”

B: ((não disse nada))

P: por que desistiu de estudar”

B: porque não tive tempo.

P: em que a escola poderia melhorar a sua vida”

B: ((ficou pensando)).

P: o que é educação pra você”

B: ((não soube responder))

P: qual a profissão que você gostaria de ter”

B: professora ((logo se engasgou))

P: você acha que a escola muda vidas”

A1: Muda poder arrumar um emprego melhor, dar uma vida melhor para os filhos, para a família.

B.S.S. – Queimadas - 1944

Idade: 68

Escolaridade: nunca estudou

Profissão: doméstica

P: quantos filhos”

C: 11, fora os mortos.

Escolaridade: Só José o 2º grau

P: por que a senhora não estudou quando criança”

C: parece que já nasci pra não aprender, sem aquela vontade de estudar desde criança nunca me interessei né”

P: mesmo depois de casada a senhora não quis estudar”

C: não (+) fui só uns diazinhos ali em Albanita estudar um mês, parei.

P: o seu marido deixava a senhora estudar”

C: não! quando Ciço estava vivo eu nunca fui.

P: seus pais à colocaram a senhora na escola”

C: colocaram, mais eu não tive interesse, não nasci pra aprender.

P: por que a senhora resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

C: pra vê se eu aprendia pelo menos fazer o meu nome.

P: ((por que a senhora desistiu”))

C: porque a filha de Albanita só ensinou pouco meses.

P: e aqui comigo no BRASIL ALFABETIZADO”

C: porque eu sou pra tudo né”, fazer comida dos filhos, ficar com os netos aqui, lavar roupas e quando chega meio-dia, vou me deitar um pouquinho e para não faltar eu sair.

P: o que a escola poderia mudar ou melhorar a sua vida”

C: saber ler alguma coisinha né”

P: ((ia facilitar as suas idas no banco”))

C: era, saber mexer na máquina no Banco mais nem meu dinheiro né” sei mexer tem que precisar de um filho ou um amigo pra ir comigo né ...

P: o que é educação”

C: é responder os outros né, assim, já que não sei ler né, eu recramo né”, mais eu crie os fios muito bem eles não me respondem né ((e começa a chorar)).

P: qual a profissão que gostaria de ter”

C: do lar, porque pra ter uma profissão tem que saber ler né”. Só quero cuidar da

casa, sei fazer as minhas coisas né, lavar a roupa né”

G. P. S. – Queimadas - 1941

Idade : 71 anos

Escolaridade: a senhora estudou” estudei mia fia, meu estudo foi esse: estudei, oi, o 1º livro e somente o 2º livro, graças a Deus mia fia, nunca tive cabeça pra conta não! mais pra ler mia fia, foi uma bença a Deus nosso Senhor, pronto.

Profissão: ((a filha dela diz primeiro que ela)) agricultora.

Quantos filhos” tenho 11 vivo e ouve 15

Escolaridade: ((eles terminaram o primeiro grau”)) não houve mia fia, nenhum, não.

P: não gostavam de estudar”

D: gostaram, gostaram, mais tu sabe o que naquele tempo era pra os filho ficar no mocotó dos paitrabaiano (A filha dela diz não esqueça de Lurdinha mãe ela estudou a 4 série). só quem fez a 4ª sera foi Lurdinha que repetiu umas duas vez e Vânia também né? ela olha para a filha, para a mesma confirmar e não confirma.

P. e aquela estória que a senhora me contou que seu pai não deixava a senhora estudar:

D: PAI! , exatamente mia fia, tenho tudo isso gravado aqui, não sai da mia cabeça, oi, oi, o seguinte o que sei agradeço a meu pai eterno foi um dote que Jesus me deu, por que pai não queria que a gente fosse estudar.

Pai dizia quem precisa estudar é os fios homem, porque fia fême estudar pra quando estiver com 11, 12 anos tá escrevendo pro namorado, pai dizia isso visse!, mas mesmo assim ele disse assim, pode estudar, mais sim primeiramente me dava alimpar 6 carreira de mato limpar pra eu alimpar só que eu nunca na mia vida eu alcancei de terminar por mais que eu corresse,alimpava só 5 carreira e meia pronto aí parava , maicia o dia mia fia levantava,\ antigamente não era como hoje , hoje mia fia é só comprar um fubá ,colocar de moio e fica fácil \ era mi pra moê na maquina \ era mai vida. E botava 3,4 ampuretadágua na cabeça, aí mermo assim eu fazia , eu , eu cum força de vontade de estudar , aí a professora conhecida da gente e de pai e tudo \ Dona Marlete , quero fazer um pedido a senhora ,aí eu tenho muita vontade de estudar intão eu, se a sinhoraconcenti eu vou a senhora vim estudar, agora vou chegar atrasada de todos os aluno se a sinhoraconcenti (pode vim), ai quando eu estudava era uma derradeira aluna, Deus mim deu uma memória.

P: o que a impediu de estudar quando criança” ((foi respondida com o relato))

P: por que a senhora depois que casou não estudou”

D: não estudei só tomando conta dos fios e da casa.

P: por que desistiu de estudar no Brasil Alfabetizado”

D: assim ...quer dizer que eu ia mesmo como eu falei, pra tu né mia fia, no dia de ir lá pra lá, vinha um problema pra resolver. – Severino dizia: vai te aquietar, porque não é possível ai chegou no que chegou.

P: como seu companheiro viu sua atitude” (ele não apoiou)

P: o que a escola poderia melhorar ou facilitar sua vida”

D: (+) pra saber os significados das palavra, saber fazer uma conta né?, eu acho Rejane que por mais que você sabe nunca é demais merece estudar, quando alguém fazer uma pergunta agente saber responder e tudo quando for resolver uma coisa saber onde ir.

P: seu marido deixava à senhora estudar”

D: pra ser sincera Redjane eu só gosto da verdade, não !!!! se eu for dizer que vou estudar ele diz: - Pra que” o que tu tem já da, uma coisa que tu não da conta do teu trabai, em casa sozinha além disso sem saúde, tu vai estudar” Vá se aquietar !!!! mas se fosse pra dizer se fosse pra estudar eu ia, a luta de casa é tão grande e eu resolvo tudo.

P: qual é a profissão que a senhora gostaria de ter” Se a senhora fosse mais nova.

D: não mia fia (+) que dizer eu nunca pensei alto não, eu pensava assim, eu nunca pensei deu ser uma professora, nada eu pensei, sempre assim na minha vida, deu casar e assumir, tomar conta da minha responsabilidade, ser dona de casa mermo. Em criar meus filho.

P: a senhora nunca quis ter uma profissão”

D: não! eu nunca pensei não. Só assim, de ter um estudo pelo meno que eu soubesse assinar meu nome porque eu imagina assim, às vezes eu olhava tinha uma força de vontade de estudar que eu só viajei com uma revistinha uma coisinha eu pegava uma letra pra ver se eu aprendia, eu imaginava assim meu Deus, eu não me importo \

P: a senhora não sabe assinar seu nome”

R: sei sim, sei ler, sei escrever, hoje não escrevo graças a Deus com o telefone, mais pra escrever carta, as pessoa ia lá em casa mermo depoi de casada ,eu sei escrever uma carta e ler outra, eu estou agradecida meu Deus por isso pronto.

P: corloquei ela para ler “Você acha que a escola muda vida”

((Ela leu com muita dificuldade)) - Eu acho que muda e muda pro bem no nossa vida oxe pelo amor de Deus, se você não tem aquela educação aí você estudando e a partir daquele momento você aumenta vai ficando outra pessoa.

G. H. S. – Queimadas – 1968

Escolaridade, o que você estudou” estudou até a 4ª série, há mais de 25 anos ou mais

Idade:

P: quantos filhos”

E: dois.

Idade dos filhos: o primeiro tem 14 anos

E: o menino está no 8º anos, a menina 1º ano.

P: o que fez você não estudar na idade adequada”

E: o que fez eu não estudar antes”

P: e porque”

E: na época meus pais não puderam colocar, intão eu parei.

P: e depois” por que você não estudou”

E: num, num não é porque eu não quis. Porque eu não podia pagar ônibus né”

P: naquele tempo era difícil”

E: hoje só não estuda quem não quer.

P: o que teu marido achou de você estudar”

E: não disse nada.

P: porque resolveu estudar agora”

E: para rever o que eu deixei pra trás.

P: vai continuar a estudar”

E: vou pensar ainda, se vou ou não.

P: o que a escola poderia mudar a sua vida”

E: em termo de “serviço”, sem grau de estudo. Hoje em dia, pra tudo tem que ter estudo.

P: até aonde pretende chegar”

E: pretendo terminar o 2º grau.

P: o que é educação para você”

E: educação, pra mim é tudo, é mais uma forma de aprender mais e realizar os objetivos que você tem.

P: a escola muda vidas”

E: muda.

M. C. B. – Queimadas – 1966

Idade: 47 anos.

Escolaridade: O que é isso” A série que estudou. Não fui alfabetizada.

Profissão: do lar, mais só coloca agricultora.

Quantos filhos” 3 (três)

Escolaridade” Todos terminaram o ensino mérdio, o rapaz trabaia na imbratex a menina uma é dona de casa, não pode trabaia porque tem um menino pequeno, a outra é do lar também.

P: o que a impediu de estudar”

F: (o que vou dizer?), Eu só ia brincar na escola, não vou culpar pai e mãe porque eles me colocaram na escola.

P: teu pai e tua mãe não brigavam com você”Barai e sinuca com a mãe de Bitá mia fia. E eu nem aprendi jogar barai nem sinuca.

F: por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

F: porque agora eu sei o valor, a importância do estudo ne”

P: como o seu companheiro viu a sua atitude (de estudar)”

F: achou bom, ne”, mais não deixa eu estudar á noite .

P: em que a escola poderia mudar a sua vida ou melhorar a sua vida”

F: (fica pensando) + ler se o teu programa não fosse tão curto, longo eu tenho certeza que eu ia aprender a ler.

P: por que você não estuda á noite”

F: não estudo á noite porque eu tenho que colocar o jantar dele, se ele colocasse o jantar era bom, mais ele sai sem comer, mais não coloca o comer.

P: se você conversasse com ele e falasse da sua vontade de estudar”

F: ele disse: No grupo não, porque é isquesito.

P: ((mas vão várias mulheres))

P: qual a profissão que você gostaria de ter”

F: ((Ficou pensando)) (+) A minha” (+) Ah (+) meu Deus! ((ela riu de nervossima)). Se eu tivesse estudado eu queria ser era... ser veterinária, era meu sonho viu! Aí pai disse: Você tinha tudo, mais eu não estudei né?

Um dia um eu costurei o saquinho do gato, ele se cortou no arame e ele ficou bom visse?

P: você costurou o testículo do gato” !!!

F: foi, mais foi uma miadeira danada. eu prendi o gato na porta e pai sigurou, aí pai

disse: era pra você ter estudado neguinha! mais eu não estudei ne” (Ela riu)

P: você deu remédio ao gato”

F: sabe o qui fiz: lavei com água, sal e vinagui.

P: me diz uma coisa: ele fazia gatinho”

F: fazia e trazia pra casa de pai, pai dava a mulesta. Tu vai morrer de rir, ele dava de mamar aos gatinhos que ele robava ainda com o olho fechado, como ele não tinha leite os gatinhos mamava até os peitinho sagrava, pai ficava com raiva e dizia esse infeliz.

-Esse gato levou fim... ,

P: não foi teu pai não que matou o gato”

F: não, pai tinha maio bem a ele!

- Quando pai dizia MININO, ele vinha qui vinha danado.

P: (ela ficou triste e eu mudei o rumo da conversa).

P: o que é educação para você”

F: eu acho Redjane é que educação é respeitar um ao outro, porque tem gente assim, porque tem uma coisa a mais humilha os outros .

P: você acha que a escola muda vida”

F: e muito e como muda ne” Uma pessoa que não tem leitura é como... Assim um cego. Quando a gente está lendo uma palavra dá uma emoção tão grande, pra gente é tão importante.

M. F. P. S. – Queimadas - 1953

Escolaridade: o que é isso”

R: é a série: 1ª

Quantos filhos” 4 (quatro) três terminou o ensino médio.

P: o que a impediu de estudar quando criança”

G: meus pais que nunca colocou na escola.

P: por que a senhora resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

G: porque não quis

P: a senhora pretende estudar”

G: pra falar a verdade não.

P: o que é educação pra senhora”

G: é tudo pra mim apesar de não ter estudado é tudo e dei pra meus fios.

P: qual a profissão que a senhora gostaria de ter”

G: professora de criança.

P: por que a senhora não continuou os estudos quando casada”

G: porque foi pió, continuei a tabaiar na roça.

P: em que a escola poderia melhorar a sua vida?

G: mudaria pra mió, podia ser professora eu queria fazer essa *mamografia, eu só fiz o exame de fezes.

*MAMOGRAFIA: Ela confundiu com MONOGRAFIA

M. S. S. P. – Queimadas - 1965

Escolaridade: 4ª série, feita há mais de 30 anos.

Profissão: agricultora

P. Quantos filhos”

R. Dois. Raiane estudou o 2º grau incompleto e a outra estuda o 6º ano.

P. Porque não continuou os estudos bem certinhos”

R. Porque eu não tinha paciência.

P. Por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

R. Porque eu quis aprender.

P. Em que a escola poderia mudar ou facilitar a sua vida”

R. Não respondeu.

P. Até onde pretende estudar” Você vai continuar estudando”

R. Não quero estudar mais.

P. O que é educação para você”

R. Cuidar dos filhos né”

P. Qual a profissão que gostaria de ter”

R. Do lar.

M. J. A – Queimadas - 1990

Escolaridade: 5ª série incompleta

Idade: 23 anos

Profissão: Agricultora

P. Quantos filhos”

R. 2 (dois). O mais velho de 8 anos está no 2º ano.

P. O que a impediu de estudar”

R. Os filhos

P. Por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

R. Sei lá

P. Como seu companheiro viu a sua atitude”

R. Ele apoiou

P. Ele deixa você estudar à noite”

R. Não, só de manhã.

P. Até aonde você pretende chegar”

R. Terminar.

P. O que é educação pra você”

R. (riu) sem educação é necessário que nada né” Tem que ter educação pra tudo, pra falar, pra tudo.

P. Qual a profissão que você gostaria de ter”

R...

P. Você acha que a escola muda vida”

R. Sim (riu), em tudo né, em forma de melhor vida, um melhor futuro para as crianças que você pode dar.

M. J. A – Queimadas - 1990

Escolaridade: 5ª série incompleta

Idade: 23

Profissão: Agricultora

P. Quantos filhos”

A14. 2 (dois) o mais velho de 8 (oito) anos está no 2º ano.

P. O que a impediu de estudar”

A 14. Os filhos.

P. Por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

A 14. Sei lá.

P. Como seu companheiro viu a sua atitude”

A 14. Apoiou

P. Ele deixa você estudar à noite”

A 14. Não, só de manhã.

P. Até onde pretende chegar”

A 14. Terminar.

P. O que é educação pra você”

A 14. (riu) sem educação é mesmo que nada né” Tem que ter educação pra tudo pra falar, pra tudo.

P. Qual a profissão que você gostaria de ter”

A 14. (não sabe responder)

P. Você acha que a escola muda vidas”

A 14. Sim (riu), em tudo né, em forma de melhor vida, um melhor futuro para as crianças que você pode dar.

M. J. da S – Queimadas - 1945

Idade: 68 anos

Escolaridade: Não estudou

Filho: 0 (zero)

P. O que a impediu de estudar”

R. Num começo não podia estudar porque vivia no roçado com meu pai. Trabalhando, aí comecei a estudar com você.

P. Por que resolveu estudar agora”

R. Pra vê se eu aprendia alguma coisa.

P. Em que a escola poderia mudar ou facilitar a sua vida.

R. Eu aprender né”

P. Até aonde pretende estudar.

R. Se você ensinar eu estudo.

P. O que é educação para a senhora”

R. É tudo.

Observação: Apesar dos seus 68 anos ainda corta capim para as vacas e bodes. Era a que menos faltava.

M. R. da N. P – Queimadas - 1973

Idade: 40 anos

Escolaridade: 1ª série – fez quando criança

Profissão: Do lar

P. Quantos filhos”

R. Dois.

Escolaridade dos filhos: O primeiro de 15 (quinze) anos está no 9º ano. O segundo de 9 (nove) anos está no 5º ano.

P. Por que não estudou quando criança”

R. Não quis, meu pai mandou eu escolher estudar ou trabalhar e eu escolher trabalhar em casa de família. Ai eu casei.

P. Por que não continuou depois de casada”

R. Porque apareceu menino né e não quis – ele não se importava não.

P. Por que resolveu estudar no BRASIL ALFABETIZADO”

R. Hoje estou arrependida e quero continuar.

P. Como seu companheiro viu a sua atitude”

R. Estou separada há 9 (nove) anos.

P. Em que a escola poderia facilitar ou melhorar a sua vida”

R. É aprender a ler e a escrever, se eu estivesse estudado eu tava trabalhando.

P. Vai continuar a estudar”

R. Sim.

P. Até aonde pretende chegar”

R. Até onde Deus quiser.

P. O que é educação pra você”

R. (não soube responder.)

P. Qual a profissão pra você”

R. pausa ... Professora.

REFERÊNCIAS

- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007 a
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2007 b.
- _____. *Discurso e leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008 a
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008 b.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*, São Paulo: Editora Claraluz, 2007.
- SOARES, Leôncio José Gomes. *Educação de jovens e adultos*, RJ, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine, *Introdução à análise do discurso*. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertranet Brasil, 2002.
- PÊCHEUX, Michel (1969), (1990b), (1997), *Analyse Automatique du Discours*, Paris, Dunod.
- ALTHUSSER, (1980)
- HENRY, (1992)
- ROBIN (1973)
- FOUCUALT (1997)
- FOUCUALT
- BRANDÃO (1993)